Técnica moderna: A natureza modificada do agir humano segundo Hans Jonas

A modificação da natureza do agir humano é, entre todas as consequências da modernidade apontadas por Jonas, a mais impactante. Em nenhum momento da história o homem pensou que sua permanência na Terra poderia ter fim pelas suas próprias mãos. Hoje, este tema se tornou uma possibilidade real do futuro humano devido à conjugação do desenvolvimento de tecnologia de destruição em massa, de técnicas de prolongamento e melhoramento genético da vida humana e aceleração da degradação ambiental do planeta.

Em *O Princípio Responsabilidade*, Jonas apresenta a sua preocupação com o futuro da humanidade e com os rumos que o uso impensado da tecnologia pode nos levar. Após algumas experiências do homem com a aplicação da técnica para fins nada nobres, como por exemplo, o uso da bomba atômica, restam muitas perguntas e um tipo de lacuna ética.

Afinal, quais são os limites do uso da tecnologia? Quais são as linhas de força que estão presentes no direcionamento de suas pesquisas? É possível discutir uma ética que vise os interesses das gerações futuras? Teriam os futuros homens direitos antes mesmo de terem existência?

Certamente este assunto é de difícil discussão. Talvez haja quem pense que seja mesmo impossível discutir os direitos dos que virão. Porém, torna-se cada vez mais urgente, pra não dizer inevitável pensar nas condições de existência de uma futura humanidade. Torna-se mais que evidente o fato de termos que pensar a questão do uso inescrupuloso da tecnologia e as suas possíveis consequências.

Hans Jonas propõe a construção de uma ética que seja adequada ao paradigma técnico científico moderno-contemporâneo. O autor aponta para a urgência desta questão e para a necessidade de trazê-la para a esfera pública de discussão, o que implica medidas práticas em relação à ameaça latente de desfiguração do mundo e, consequentemente, do homem em um futuro não tão distante. Ou melhor, uma possível paisagem catastrófica vem se afirmando como provável realidade.

Temos conhecimento que a aplicação excessiva da tecnociência e o modo de existência de nossa sociedade industrializada nos aproximam da possibilidade de destruição das condições necessárias para a perpetuação de uma humanidade que, de acordo com Hans Jonas, seja digna deste nome.

Essas palavras podem soar um pouco estranhas ou até mesmo exageradas. Porém, deve-se levar em consideração que a ameaça da qual fala Jonas parece estar tomando corpo com a aparição de certos experimentos genéticos, em humanos e não humanos, como também a ameaça latente de um colapso dos recursos naturais pelo uso inconsequente.

Hans Jonas propõe que as ações humanas sejam regidas por uma ética que propicie aos homens do futuro encontrar plenas condições de vida na Terra. Segundo o autor, a ética do futuro não pode estar baseada somente na emoção, embora ele admita que o sentimento de temor possa servir como método para conhecer o que queremos preservar. A ética do futuro necessariamente tem que partir de um princípio inteligível, o qual é concebido como um imperativo: “que exista uma humanidade”. (JONAS, 2006, p. 93)

A partir deste primeiro imperativo, Hans Jonas deduz o dever de assegurar um modo de vida verdadeiramente humano aos nossos descendentes, que, conforme o mencionado, possa se realizar no meio proporcionado pela natureza. Obviamente, não se trata da ideia romântica de natureza, sendo que o ser humano modificou o meio a fim de sobreviver ao longo dos tempos. Jonas aponta para algo grave em nosso momento histórico, pois segundo ele, as mudanças estão acontecendo tão rapidamente que torna quase impossível nos adaptarmos às condições ambientais que estão porvir.

Jonas não só atribui um direito aos que virão como lhes atribui o dever de conservar um modo de vida compatível com uma humanidade verdadeira. Podemos perceber claramente o contexto que levou Hans Jonas a elaborar uma ética que leva em consideração a existência e os modos de vida das gerações futuras, era o início da preocupação com a desfiguração humana pela tecnociência e com as ameaças de destruição ambiental através das ações do homem.

A questão ecológica começou a reverberar em nível mundial no final dos anos 60, culminando na Conferência de Estocolmo em 1972, primeiro encontro entre países

para discussão da relação do homem com a natureza. Podemos dizer que desde então a situação só se agravou e agora somos nós os atores deste contexto.

A ética para civilização tecnológica possui um princípio da precaução e previsão dos perigos, que o autor chama de heurística do temor. Uma maneira de compreender a heurística proposta pelo autor é considerá-la como uma espécie de método para questões complexas, onde podemos nos aproximar de possíveis soluções para determinados problemas. No caso de a heurística estar associada ao temor, pode-se entender como a busca da compreensão e tomada de decisão baseadas no sentimento de temor ao arriscar algo que seja identificado como vital. Neste caso, que evite a aniquilação existencial da humanidade, seja ela física ou mental, a fim de evitar a catástrofe. Entendemos aqui a aniquilação existencial como a desfiguração do que nos torna humanos, ela se daria não somente pela morte física, como também pela extinção de nossas possibilidades mentais.

O temor não é tido como um sentimento que paralisaria a ação, pelo contrário, o temor nos levaria a agir concretamente dentro de um contexto que inspira precaução. Conforme Jonas: “com a antevisão da desfiguração do homem, chegamos ao conceito de homem a ser preservado. Só sabemos o que está em jogo quando sabemos que está em jogo” (JONAS, 2006, p.21).

Hans Jonas aponta que o pensamento ético anterior foi cunhado visando a circunstância imediata da ação. Segundo o autor, os agentes possuíam contato direto com as pessoas as quais seriam os receptores de determinada atitude ou comportamento. As ações praticadas por determinados indivíduos afetavam somente os demais do mesmo domínio. Portanto, não havia preocupação com as gerações futuras e tampouco com a natureza não humana. Isto não era necessário devido ao alcance da ação.

Podemos compreender a necessidade de princípios que regulem a ética de acordo com o alcance que os indivíduos ou as sociedades possuem em interferir na vida de outrem. Nas sociedades anteriores à sociedade tecnológica, o homem comum era capaz de acessar o saber necessário para o bom agir. Já na contemporaneidade, o agir humano se tornou tão complexo e dotado de poder que se faz necessário repensar a ética. As situações e impasses gerados na atualidade não seriam imagináveis pelos pensadores dos sistemas éticos do passado.

O poder humano sobre a natureza, incluindo a manipulação da própria espécie, atingiu um nível que não fora imaginado pela ética tradicional. Parece que o avanço tecnológico não foi acompanhado pela ética, pois, enquanto acontecem experiências que podem comprometer a permanência autêntica do homem na Terra, não se chegou a um consenso sobre os limites da utilização da técnica na vida humana. A questão da utilização da técnica transformou-se em um assunto de grande relevância nos dias atuais, discorre desde a manipulação genética do ser humano até a preservação de um ambiente propício às próximas gerações de homens no planeta. Eis, a total relevância em se pensar na regulação do uso da técnica na contemporaneidade.